

EPISTEMOLOGIA, CLASSE E LUTA DE CLASSES: MANTENDO O AZIMUTE.**EPISTEMOLOGIA, CLASSE E LUTA DE CLASSES: MANTENDO O AZIMUTE.****EPISTEMOLOGIA, CLASSE E LUTA DE CLASSES: MANTENDO O AZIMUTE.**

Francisco Máuri de Carvalho Freitas¹

Resumo: O presente texto foi produzido a partir do entendimento idiosincrático sobre a obra de Marx e Engels, reflexo das conclusões retiradas pelo autor a partir das diversas palestras sobre marxismo que faziam / fazem alusão a esses dois inigualáveis barbudos alemães e a outro portador de um cavanhaque caprichosamente aparado, Lenin, um trio de pensadores revolucionários para quem a *práxis é crítica e revolucionária*.

Palavras Chave: Epistemologia, Classe, Luta de Classes.

Resumen: Este texto fue producido a partir de la comprensión idiosincrática de la obra de Karl Marx y Friedrich Engels, y la reflexión de las conclusiones extraídas por el autor a partir de las diversas conferencias sobre marxismo que estaban / aludir a estos dos segundos barbudo alemán mejor, y la otra compañía una perilla bien recortada, Lenin, un trío que en el que la práctica es crítica y revolucionaria.

Palabras clave:

Abstract: Ce texte a été produit à partir de la compréhension idiosyncrasique de l'œuvre de Marx et Engels, et la réflexion des conclusions tirées par l'auteur à partir des diverses conférences sur le marxisme qui étaient / allusion à ces deux secondes barbu allemand à aucun et l'autre transporteur une barbiche bien taillée, Lenine, un trio qui dans lequel la pratique est critique et révolutionnaire.

Key_Words: Epistemology, Class, Class struggle

Introdução

Ao iniciar o presente artigo gostaria de deixar claro que não sou especialista em nenhum autor, nem em Hegel, Feuerbach, Marx, Engels e muito menos em Lenin - homem genial. Sou apenas, como diria Sartre, um sujeito que gosta de se meter no que não é de sua conta! Um intelectual produto de uma sociedade despedaçada e sua testemunha porque interiorizei seu despedaçamento e, enquanto tal sou um produto histórico (SARTRE, J. P. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo:, Ática, 1994).

Ocorre que em face da capitulação da classe operária diante dos ditames do capitalismo mundial e da deserção da intelectualidade de esquerda da luta revolucionária pela construção da sociedade comunista, passando com mala e cuia para o campo da direita, já não resta mais dúvidas, o Brasil é a sociedade da “separação consumada”.

E sem dúvida, como diria Feuerbach:

O nosso tempo prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser. Ele (o nosso tempo) considera que a *ilusão* é sagrada, e a *verdade* é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o *cúmulo da ilusão* fica sendo o *cúmulo do sagrado* (FEUERBACH, 1987, p. 33-34).

Postas as palavras fortes de Feuerbach e em meio a euforia de falar sobre Marx (relacionando-o com a epistemologia e a luta de classes), procurando conectá-lo à educação (física), fui acometido de um pavor incrível à medida que, inteiramente avessos aos artifícios e às imposturas, somos um intelectual que pouco conhece da história e da filosofia e menos ainda de Marx, Engels e Lenin. Somos apenas um intelectual que não sabe de filosofia política o que gostaria de saber e que não sabe sobre as teorias da educação o que deveria saber.

Todavia, estamos aqui e agora, de forma intransigente, obstinada e radical, lançado na construção arbitrária, alheia ao próprio Marx, à Engels e à Lenin, e a exercitar-nos sobre um marxismo-leninismo “imaginário” ou sobre uma concepção de mundo que, ao simples refluir das ideias anacrônicas, liberais burguesas, como tudo que é sólido na sociedade capitalista, também se desmanchou no ar.

Ironia à parte, ao longo dos ouvindo atenciosamente palestras sobre Marx (curiosamente Engels e Lenin eram os grandes ausentes, e quando lembrados eram chamados à baila em fugazes e melífluas passagens), a maioria realmente produtiva, outras bochichos improdutivos, mas em quase todas elas o *filósofo da práxis* era “mutilado”, ainda que não de forma intencional, nelas não se trabalhava com ele, mas, invariavelmente, contra ele.

Por exemplo, categorias centrais da obra de Marx e Engels: *comunismo, revolução social, expropriação dos expropriadores e ditadura do proletariado*, foram deixadas ao lado da estrada ou esquecidas por se tratarem de aspectos “ultrapassados” da teoria marxista. Exatamente por isto, entendemos como necessário construir um trabalho de pesquisa resultante (i) da evocação das palestras ouvidas, (ii) da análise sobre as anotações pessoais sobre elas e (iii) de uma pequena revisão bibliográfica dos autores em tela.

O presente estudo está direcionado ao resgatar a velha polêmica sobre a atualidade de Marx, Engels e Lenin, e do comunismo e da revolução como prática social própria à *classe operária* e aos trabalhadores assalariados, indispensável à demolição do capitalismo e à edificação do socialismo.

Vale reportar que não somos *obreiristas*, mas nutrimos uma profunda e respeitosa admiração pela classe operária, por isto mesmo, temos uma enorme dificuldade de falar *dela* ou *sobre ela*, preferindo apenas falar *com ela* ou *para ela*. Por isto, optamos por provocar os intelectuais especialistas em classe operária, mas que se mantêm dela afastados, fazendo a crítica face a face. Por isto, e em virtude do que tenho ouvido em relação a Marx, achamos necessário retomar duas questões que nos parecem verdadeiras *aporias* ainda hoje. Argumenta-se sobre a necessidade do resgate da centralidade da classe operária para alavancar o desmanche da propriedade privada, isto porque apenas ela, seguindo a tradição apontada por Marx, teria e tem o interesse histórico nesse desmanche, mesmo porque ela nada teria a perder, mas o mundo a ganhar.

A primeira *aporia* radica no fato dos operários serem “educados” por pessoas que não são operárias e, portanto, não teriam e não têm interesse no desmonte do sistema da propriedade privada do qual se beneficiam e sob o qual se deleitam com os restos das “orgias do capital”. Agravante. Os

intelectuais vinculados a determinado Partido, que supostamente defende as demandas dos trabalhadores brasileiros, ainda acreditam na ilusão da reforma do capitalismo ou da sua “transformação” via cooperativismo de inspiração proudhoniana. Uma questão parece ser crucial: o resgate da classe operária para o centro da luta anticapitalista e comunista pressupõe o expurgo desses intelectuais.

A crítica ao idealismo é imprescindível para colocar sob suspeita a grande maioria dos trabalhadores, para não mistificar sua ação “determinada” pelo desenrolar dos acontecimentos mundiais, aceita por nós como correta admoestação aos defensores do espontaneísmo, contra a influência externa como fundamento da consciência revolucionária ou *consciência socialista*.

A segunda *aporía* está na ausência da crítica às lideranças operárias e aos intelectuais de esquerda que trabalham na formação política dos trabalhadores, bem como aos aparelhos ideológicos de Estado por intermédio dos quais a burguesia inocula nos trabalhadores sua perversa ideologia. Portanto, entendemos imprescindível estabelecer a crítica ácida aos intelectuais, ontem, de esquerda, hoje, mordomos diplomados da classe dominante.

Neste sentido, como primeira provocação, temos Marx a perguntar, sem que saibamos responder, porque os “marxistas de cátedra” ou os “marxistas teóricos” do nosso tempo ocultam a seguinte lavra do *Manifesto do Partido Comunista*?

Os comunistas consideram indigno ocultar suas ideias e propósitos. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados derrotando pela violência toda a ordem social existente. As classes dominantes podem tremer diante de uma *Revolução Comunista*. Os proletários não têm nada a perder nela mais que suas cadeias. Têm, em troca, um mundo a ganhar? (MARX, K. y ENGELS, F., 1981. p. 140).

Temos aqui duas questões que nos parecem cruciais ao entendimento da obra deste pensador genial imbatível enquanto perdurarem os pressupostos sobre os quais construiu sua crítica ácida. Em primeiro lugar, Marx constrói sua crítica a partir do estreito convívio com a classe operária, quer dizer, a partir dela, com ela e para ela, de modo que não faz sentido separar o pensador do líder revolucionário.

E, em segundo lugar, a *revolução comunista*, a “parteira da história”, a “velha toupeira” que corrói as bases da sociedade capitalistas até sua queda definitiva, a linha condutora que nos permite conectar e articular os diferentes momentos da trilha filosófica e política seguida por Marx, Engels e Lenin, foi suprimida, intencionalmente esquecida nos discursos e análises dos marxistas e marxólogos.

Suspeitamos que a *teoria da revolução* tenha se tornado mais um tema tributário ou apêndice da obra marxista, historicamente ultrapassado pela mundialização efetiva do capitalismo, embora Marx tenha formulado essa teoria, *pai passu*, com a afirmação da mundialização do capitalismo em curso.

Oportunismo, tergiversação, contrafação, não importa o que seja essa omissão dolosa, em alguns casos, culposa em outros, diremos sempre *ignorantia non est argumentum*, isto porque, a *revolução comunista* em Marx não é um simples apêndice, fortuito ou extemporâneo perdido no mar revolto de suas considerações mais gerais sobre o desenvolvimento do capitalismo e sua necessária superação iniciando-se na transição à sociedade comunista, é o tema, o aspecto imprescindível que une e dá o sentido peculiar, diferenciado de sua prática social e de sua obra. Queiramos ou não Marx era um revolucionário.

Neste sentido, considero que isolar a análise rigorosa e científica da economia política da superação do capitalismo, pela *revolução*, noutra organização ou formação social e econômica, é reduzir Marx aos limites do academicismo tão ao gosto das ciências sociais burguesas.

Mas se os marxistas e os “marxólogos” como:

Os filósofos não brotam da terra como cogumelos, eles são frutos da sua época, do seu povo, cujas energias, tanto as mais sutis e preciosas como as menos visíveis, se exprimem nas ideias filosóficas. O espírito que constrói os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos é o mesmo que constrói os caminhos de ferro com as mãos dos trabalhadores. A filosofia não é exterior ao mundo (MARX, K. *Textos filosóficos*. São Paulo: Mandacaru, 1990. p. 14).

Então, por que será que eles agem como se suas construções teóricas, suas ilações e exegeses não obedecessem aos mesmos ditames sob os quais os operários e trabalhadores constroem as cidades e suas condições materiais?

Podem até ter esquecido que para os comunistas, trata-se de revolucionar o mundo existente, aprender e transformar praticamente as coisas existentes. Mas, certamente, não esqueceram (ou será que se esqueceram) que suas ideias são criações das relações de produção e de propriedade burguesas, assim como o direito em voga mais não é mais do que a vontade da classe dominante instituída e expressa em lei, vontade cujo conteúdo é determinado pelas condições de existência materiais dessa classe?

A rigor, esquecidos, não conseguiram avançar além de Hegel, à medida que fazem “do homem o homem da consciência, em vez de fazer da consciência a consciência do homem real, vivendo num mundo real, objetivo e por ele condicionado”. Hegelianos mitigados intentam demonstrar que a consciência é uma realidade, e toda a realidade.

Talvez por isto, há na obra de Lenin uma passagem que pode nos esclarecer sobre a posição idealista direcionada á crítica do marxismo, diz ele:

Inútil falar da ciência e da filosofia burguesas, ensinadas escolasticamente pelos professores oficiais para embrutecer as novas gerações das classes possuidoras e ‘amestrá-las’ contra os inimigos de fora e de dentro. Esta ciência não quer nem ouvir falar de marxismo, *declarando-o refutado e destruído*; tanto os jovens homens de ciência, que fazem carreira refutando o socialismo, tal como os velhos decrépitos guardiães dos legados de toda a espécie de ‘sistemas’ caducos, se lançam sobre Marx com o mesmo zelo (LENIN, V. I. *Marxismo e revisionismo*. In Obras Escolhidas, tomo 1. Lisboa, Edições Avante! / Moscou: Progresso, 1977. p. 40).

Todos os guardiões do capitalismo procuram refutar o marxismo encimados na não compreensão da contradição dialética, não se trata de uma contradição derivada do método de exposição e nem da teoria, mas uma contradição implícita da prática social. Com outras palavras, a contradição dialética não é uma invenção, mas uma viva e dialética contradição (LENIN, V. I. *A aliança da classe operária e do campesinato*. Moscou: Progresso, 1981).

A confirmação de que Marx estava certo, está certo, em sua crítica do modo de produção capitalista e/ou da economia política, a difusão e a afirmação de suas ideias no seio do conjunto da classe trabalhadora, tornam inevitavelmente mais frequentes e agudos os ataques da burguesia contra o marxismo que, a rigor, “sempre sai mais fortalecido, mais temperado, e mais ativo após cada uma das suas ‘destruições’ pela ciência oficial” (LENIN, 1977, p. 40).

Cinquenta e oito depois da crítica de Lenin, isto é, em 1966, o texto leninista foi escrito em 1908, um filósofo francês, Lucien Seve, retoma a defesa contra outra destruição do marxismo, diz ele:

Quanto ao marxismo a burguesia o maltrata incessantemente: falsifica grosseiramente suas teses, faz caso omissos dos seus clássicos, faz troça ou zomba dos seus defensores, proíbe e persegue seu ensinamento nas escolas e nas universidades. (SEVE, L. *O espírito de partido em filosofia*. In GARAUDY, R. (Org.) Lições de filosofia marxista. México: Grijalbo, 1966. p. 87).

Essa falsificação tem por finalidade, primeiro, impedir que, por intermédio do marxismo, sejam desmascaradas as sutis mentiras da ideologia reacionária e, segundo, que seja dada “à filosofia marxista seu verdadeiro valor: não um valor de dogma, como dizia Engels, senão o valor de um guia para a ação” (SEVE, 1966, p. 95).

Parodiando uma passagem de Lenin aceitamos a tese segundo a qual não se pode ser um intelectual marxista sem realizar o labor teórico de acordo com as exigências da causa operária e da construção da sociedade comunismo, sem *propagar* os resultados da teoria entre os operários e ajudá-los a que se *organizem*.

Assim, os “críticos” rigorosos de Marx e do marxismo como sectários à medida que não conseguem ver o marxismo senão como um *dogma morto*, um *catálogo de fórmulas*, negando o seu espírito criador que tratar de estudar a realidade concreta, via, para encontrar soluções concretas e novas para novos problemas que os clássicos não trataram em suas obras porque, simplesmente, não as conheciam!

Sectários e dogmáticos! Sectários porque intolerantes com outras formas de pensar que baloicem suas rasas fundações, seus superficiais argumentos; sectários porque seguem ou obedecem cegamente os postulados da economia política, a ciência da parcimônia operária, sem fazer uso do escrutínio crítico ou da razão teórica. Ao contrário, os comunistas, marxistas revolucionários, não são sectários mesmo que continuem eternos partidários apaixonados ou intelectuais radicais da dialética materialista - *dialética revolucionária* -, porque não há sectarismo quando a tarefa política “se reduz a contribuir com a organização do proletariado, quando, por conseguinte, o papel da ‘intelectualidade’ se reduz a fazer desnecessários os dirigentes intelectuais do tipo especial” (LENIN, V. I. *Quem são os “amigos” do povo e como lutam contra os socialdemocratas*. Moscou: Progreso, 1981. p. 20).

Seriam dogmáticos se assumissem o caráter da certeza absoluta, farol guia sem o qual só há escuridão, opinião peremptória, terminante, definitiva, ao contrário. Assim, não são dogmáticos porque assumiram como critério supremo e único da concepção de mundo materialista e dialética a conformidade com o processo real do desenvolvimento social e econômico capitalista, entendido como não definitivo e nem terminante.

Inimigos do marxismo, os trãsfugas ou refugos de uma esquerda que caminha cada vez mais à direita, pregoiros do relaxamento do *espírito de partido* aceitando a pressão multifacetada e insidiosa da burguesia e da sua ideologia de nosso tempo, o neoliberalismo. A burguesia tem sido hábil na arte de agradar e deleitar os oportunistas para debilitar, neles, o *espírito de partido*, para distanciá-los / afastá-los da classe operária e, obviamente do marxismo e do leninismo.

Para os gárrulos, como à época de Plutarco, o marxismo não penetrou na consciência social porque a realidade reage positivamente às mudanças. Que descoberta estupenda, que visão histórica, que capacidade de crítica. Convenhamos, a realidade em seu sentido genérico e abstrato é apenas uma alocação metafísica, escolástica. A *realidade* para além de mera categoria discursiva ou metafísica precisa ser compreendida e desfolhada para que percebamos os pilares sobre os quais se assenta: as classes fundamentais de uma determinada sociedade.

Vista assim, lançamos uma questão, é a *realidade* que reage ou são os exploradores que reagem na defesa intransigente da propriedade privada e da sua liberdade de explorar e extorquir força de trabalho alheia?

De modo que, vale salientar que o marxismo não se instalou na consciência social por uma simples questão: a ciência deve ser revolucionária e a revolução, científica. E se a revolução enquanto categoria central da obra marxista foi banida das análises teóricas, logo a dialética materialista necessariamente revolucionária, é transformada na afirmação mitigada da dialética hegeliana.

Mas quem são os críticos de Marx? “São filósofos, historiadores, sociólogos etc., pregoeiros das ciências sociais nascidas e desenvolvidas no quadro das universidades e das instituições universitárias, elas também burguesas”. (FOUGEYROLLAS, P. *Ciências sociais e marxismo*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1979. p. 159).

Ao contrário, o marxismo foi construído e desenvolvido no quadro das lutas do movimento operário. De forma contundente, esse filósofo afirma que nenhum especialista universitário deu alguma contribuição significativa ao marxismo.

O marxismo (não o revisionismo, mas o revolucionário) foi excluído das universidades burguesas, na medida em que aos olhos dos economistas, sociólogos e historiadores, não passa de uma dentre tantas doutrinas filosóficas e políticas, ainda considerado como uma crítica econômica. Estabelecida a confusão intencional, para perturbar a consciência dos jovens estudantes, nessas universidades os intelectuais fazem um esforço romântico para integrá-lo na herança intelectual global, a despeito de suas origens operárias e de sua natureza radicalmente anti-burguesa, anticapitalista, anti-imperialista e comunista.

Incompatível com as diversas teorias ou ciências sociais, reduzido a simples disciplina universitária, desnaturalizado no interior das universidades burguesas – “públicas” ou privadas – pelo ecletismo prevalecente, o marxismo tem que ser reencontrado a partir do movimento obreiro revolucionário. De nossa parte, em primeiro lugar, o encontramos em sua estreita relação com a luta de classes, fora da qual perde todo o seu significado histórico e filosófico, e sua importância político-revolucionária; e, em segundo lugar, reconhecemos “as condições objetivas e subjetivas a partir das quais o marxismo, liberado das perversões ecléticas e das degenerações dogmáticas, trata os diferentes problemas científicos – sociais e históricos – que as diversas ciências sociais e a filosofia de corte idealista têm sido capazes de plena ou suficientemente resolver”. (FOUGEYROLLAS, 1979, p. 160).

A relação do marxismo com as ciências sociais é verossímil à do fogo com a água, quando esses são imiscuídos é para a água apagar o fogo. As ciências sociais e a filosofia de corte idealista funcionam

como tampão impedindo que o marxismo se transforme em força material ao se apoderar da consciência da classe trabalhadora.

Curiosamente, noventa e quatro anos depois daquele texto de Lenin, sobre a refutação do marxismo como filosofia do nosso tempo, assistimos a uma impressionante quase unanimidade entre intelectuais universitários, filósofos, economistas e expertos em todas as disciplinas para proclamar *urbi et orbi*, “que ‘Marx está morto’, palavra de ordem repetida à exaustão pelos *nouveaux philosophes* nos idos dos anos 70 do século XX”. (LÖWY, M. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 16).

O oráculo e o jogral

Esquerdistas de outrora, comunistas revisionistas, reformistas e ex-guerrilheiros arrependidos, não perderam e não perdem a ocasião e nenhuma oportunidade de juntar-se ao medíocre jogral da burguesia.

Mas o que vem a ser um *jogral*? O verbete *jogral*, do latim *joculāris, jocularē*, significa divertido, burlesco, risível. Até o século X, *jogral* era o artista profissional de origem popular – o vilão, quer dizer, não pertencente à nobreza – que tanto atuava nas praças públicas, divertindo o público, quanto nos palácios senhoriais, assumindo o papel de bufão, com suas sátiras, mágicas, acrobacias, mímica etc.

Quando pessoas, sejam elas funcionários públicos ou não, se juntam em determinada situação para apresentar uma crítica política, uma peça teatral, uma atividade cultural qualquer e o fazem de forma sistemática, sintonizados e parolando publicamente em uníssono sob o mesmo diapasão sem atravessar o ritmo, a melodia, a harmonia etc., diz-se, em linguagem popular, que estamos diante de *jograis* ou de um *jogral*.

Vazados pela cegueira intelectual, os *jograis* ou o *jogral* ironizado ao reagir de forma abrupta demonstra sua total incompreensão filosófica e política da arte da querela na qual a ironia se manifesta como paroxismo da alteração, do debate inflamado sobre pontos de vista antagônicos.

Pois bem, diferentemente de os *jograis* da burguesia, aceitamos que a teoria da revolução como fator de emancipação do proletariado (emancipação tocada por sua própria responsabilidade e sob sua própria organização) permanece como uma indispensável e preciosa bússola a manter o azimute do pensamento e da prática social revolucionária.

Por isto, somos premidos a dizer que os trabalhadores deste país necessitam de uma teoria estribada no concreto da sociedade que os ajude a enfrentar o capitalismo em sua etapa imperialista e sua ideologia o neoliberalismo, tanto do ponto de vista da teórica quanto do ponto de vista da ação. Esses mesmos trabalhadores, “livres do açoite das senzalas, presos à miséria das favelas”, nos perguntam diuturnamente nas fábricas, nas escolas, nos cárceres e nos manicômios: *De que lado vocês estão? A quem servem?*

Provocados e provocativos elegemos para a continuidade desta polêmica duas alterações tomadas de empréstimo ao velho oráculo de Marx, Hegel, que bem retratam a atuação da intelectualidade acadêmica, salvo raras exceções:

Quem considera primeiro as árvores e somente está pendente delas, não se dá conta de todo o bosque, se perde e se desnorteia dentro dele, por culpa das árvores, não vê o bosque. (HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Hemus, 1976. p. 25)

Hoje, diante do apoio acrítico dessa mesma intelectualidade ao atual governo da República gerente dos interesses e demandas da burguesia e diante do fato de se dizer superior aos governos anteriores em número, gênero e grau, o velho oráculo se ergue implacável com as seguintes palavras:

Do maligno se livraram; o mal ficou; e o mal é nove vezes pior que antes, porque nele se confia sem nenhuma suspeita nem crítica. (HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica*. São Paulo: Loyola, 1995. p. 19).

Acerca do marxismo

Marx e Engels foram os primeiros a explicar, nas suas obras, que a existência material é o primado sob o qual se desenvolve a consciência (o subjetivo ou a subjetividade); por isto, para eles:

Era necessário salvar a dialética consciente, para integrar na concepção materialista da natureza – a natureza é a comprovação da dialética -; que nada havia de definitivo, de absoluto, de sagrado para a filosofia dialética para quem todas as coisas caducam e nada mais existe senão um ininterrupto processo do surgir e o perecer, da ascensão sem fim do inferior para o superior, de que ela própria não é senão o simples reflexo no cérebro humano pensante;

... O modo de vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual, em geral;

... A luta de classe é o motor da história;

... O que domina a sociedade capitalista é a produção de mercadoria e que ela ao acelerar o processo de automação, isto é, substituindo os operários por máquinas aumenta a riqueza num polo e exacerba a miséria no outro;

... É inevitável a transformação da sociedade capitalista em sociedade socialista, sendo o motor intelectual e moral ou agente físico dessa transformação, o proletariado educado pelo e no próprio capitalismo (LENIN, V. I. *Karl Marx*. Obras Escolhidas – 1. Lisboa: Avante! / Moscou: Progresso, 1977. p. 4-27).

O marxismo, ao contrário doutras linhas filosóficas, como a de Platão, Kant, Hegel e Comte, implica uma estreita relação com a prática social, com a vida mesma. Quer dizer, qualquer tema posto pelo marxismo tem por base experiências práticas; a prática, não no seu sentido vulgar, estrito, acanhado, pífio, mas no sentido mais amplo do termo, que inclui, ao mesmo tempo, a luta de classes, as experimentações científicas, a criação literária, artísticas, os esportes, a ginástica, a dança, enfim, o trabalho manual / braçal fechando os extremos da cadeia (GARAUDY, 1966, p. 14).

O marxismo afirma-se tanto como um instrumento de luta, como um instrumento de construção. As históricas experiências soviética, chinesa e cubana são emblemáticas. Assim, como instrumento de combate nos permite trabalhar em três frentes: (1) abri perspectiva, (2) analisar a correlação de forças, (3) traçar uma estratégia e táticas subjacentes. Na primeira frente, o direcionamento de nossas ações não será tomado em virtude dos nossos desejos subjetivos, vontades ou ímpetos pessoais, mas em função das leis objetivas do desenvolvimento da sociedade.

Exemplifico. Numa de suas obras Lenin demonstra a indissociável relação entre o imperialismo e a guerra de rapina, partilha e posse doutras terras, isto é, o capitalismo encerra em si mesmo a

guerra. Para Lenin a guerra é uma necessidade histórica à constituição do capitalismo, é parte intangível de sua lógica interna.

O marxismo exige que a cultura e a consciência deixem de ser o privilégio de classe, para converter-se em direito concreto de todo os operários e trabalhadores assalariados. Com efeito, o desenvolvimento de cada homem e de cada mulher, de todos os homens e de todas as mulheres, pressupõe o desenvolvimento do espírito crítico, do espírito científico, do espírito de iniciativa, como também do espírito criativo, até então prerrogativas da classe dominante e e seus ideólogos e aliados.

Vale acrescentar, os sistemas políticos condenados pela história, nos quais perduram a opressão e a extorsão de uma minoria sobre a maioria, o espírito crítico é uma ameaça, um real inimigo. E por quê?

Quanto maior é a capacidade de *reflexão* dos homens, são maiores as possibilidades que venham a se tornarem inimigos dos opressores e do seu modo de produção, são incomensuráveis. Por outro lado, é sintomático o sucateamento da universidade e da escola públicas como forma de reestabelecer o obscurantismo contra a possibilidade real dos homens e mulheres fazerem uso do próprio entendimento; o obscurantismo foi e é utilizado como instrumento de controle e dominação social.

A *reflexão* não pode ser entendida, imaginada ou idealizada como tranquilidade morta, movimento do pensamento sem sobressalto, como um simples quadro a retratar uma imagem pálida, baça, sem aspirações, enfim, sem movimento (LENIN, V. I. *Cadernos filosóficos*. Obras completas em cinquenta e cinco tomos, t. 29. Moscou: Progresso, 1983. p. 300).

Não estamos aqui a identificar a prática com o conhecimento, com a *reflexão* da realidade objetiva na consciência humana. No entanto, para nós, o conceito de *verdade* é impensado sem o conceito de *reflexão*, uma vez que por “*verdade* compreende-se a reflexão correta e adequada do mundo objetivo, verificada e confirmada pela prática” (LENIN, V. I. *Materialismo e empiriocriticismo*. Obras completas em cinquenta e cinco tomos, t. 18. 5.ed. Moscou, Progresso, 1983. p. 142).

Não é casual que o governo da República incentive a geração de escolas privadas, privando a escola pública dos meios necessários e imprescindíveis à sua sobrevivência e ao seu desenvolvimento, sem os quais esta escola garroteada e com sua oxigenação interrompida, morre. Todavia, nas escolas incentivadas pelo poder público é praticado um tipo de ensino verossímil à marcação de bovinos, caprinos etc. com ferro em brasa. A diferença radica que a criança é marcada com hipócritas e medíocres avaliações a partir das quais lhes são atribuídas medalhas, notas, diplomas, juízos de valor (boa, má, solidária, individualista, etc.), preconceitos (negra, pobre, gorda, lerda, preguiçosa, etc.) etc.

A propósito, há uma afirmação oracular de difícil compreensão quando lido de soslaio, mas profundamente esclarecedora às mentes abertas no aparente difícil e confuso mundo em que se vive: o comunismo apenas será realizado quando cada empregada doméstica for capaz de dirigir o Estado. Em outros termos, apenas quando cada cidadão trabalhador e cada cidadã trabalhadora (ama, babá, empregada doméstica) forem capazes de pensar e atuar como homem e mulher de Estado, com a responsabilidade pessoal de atuar positivamente para o desenvolvimento de todos é que o mundo será definitivamente humano.

Estamos diante do *aspecto moral* da obra marxista, interpretada por Lenin, esquecido pelas hostes da esquerda brasileira. Frente ao imbróglio posto pela ideologia burguesa, nos vem a lembrança o grande escritor russo Máximo Gorki e sua seguinte lavra que tão bem demonstra qual a missão histórica desse operário e dessa empregada doméstica envolvidas na destruição do capitalismo e edificação do comunismo: há que fazer o homem compreender que ele é o criador e o dono do mundo; que sobre ele recaí a responsabilidade de todo o mal da terra, porém que a ele incumbe também a glória de todo o bem da vida. Este o sentimento que devemos inspirar naqueles a quem ensinamos.

O marxismo é a crítica, inclusive, da escola burguesa e/ou da educação oficial. Neste sentido, seguindo a crítica de Marx e ombro a ombro com Lenin afirmamos que a escola burguesa brasileira do século XXI, permanece livresca, obrigando o alunado a assimilar um acúmulo de “conhecimentos” desnecessários, supérfluos, mortos, que abarrotam as cabeças e convertem as novas gerações em burocratas que irão dar continuidade à cultura capitalista sem sobressalto. A transformação da escola burguesa em escola para o povo, a meu juízo, pressupõe a tomada e o controle dos meios de produção pela classe operária e trabalhadores assalariados.

Contra o *dogmatismo* próprio a escola ou a educação burguesa, o marxismo é exposto em sua relação com as demais concepções de mundo e de homem no mundo ou sistemas filosóficos. Todas as obras de Marx, Engels e Lenin são obras polêmicas, críticas das variadas correntes filosóficas positivistas, agnósticas, neokantianas, idealistas. De modo que o método de exposição do marxismo assume a forma de polêmica, crítica e assimilação crítica de todas as demais correntes da filosofia idealista.

Até hoje os ideólogos da burguesia continuam em estado de plena confusão mental, na medida em que nenhuma de suas teorias sociais responde aos problemas postos pelo capitalismo moderno em sua etapa imperialista. O imperialismo é o capitalismo parasitário, moribundo e em estado de putrefação. A propósito, sobre a questão do imperialismo sugiro a leitura da seguinte obra de Lenin, *Imperialismo, etapa superior do capitalismo* (in Obras Completas em cinquenta e cinco tomo, t. 33. 5.ed. Moscou: Progresso, 1986).

Esquecida a tese marxista relativa à crescente diferenciação econômica entre trabalhadores assalariados e capitalistas, esquecemos também que esta divisão, devida ao avanço mundial do capitalismo ou imperialismo, aumentou ainda mais com o enorme crescimento do número de trabalhadores de baixa remuneração e redução draconiana dos seus direitos impulsionando cada vez mais a força de trabalho para o chamado setor de serviços.

A análise de Marx sobre a tendência do capital em intensificar as taxas de exploração sob pressões competitivas é confirmada pelo desmantelamento do Estado de bem estar social, pelo declínio da parcela de renda outorgada ao trabalho comparada com o capital e pela crescente transformação do trabalho em trabalho temporário, além do incremento dos custos de produção social, do aumento dos custos de saúde, a perda de quase todos os direitos sociais, individuais e coletivos.

Não temos nenhuma ilusão quanto a natureza de classe do Estado brasileiro. Observando sua conduta hoje, fica evidente na posição adotada de confrontação contra os sindicatos operários, o movimento dos trabalhadores sem-terra (MST) dentre outros movimentos populares organizados, a sua

natureza de classe, isto é, sua condição de administrador ou gerencial dos bens e interesses da classe dominante.

Mas os números cantam e seu triste canto demonstra empiricamente a validade do prognóstico da depauperação absoluta do proletariado como resultado do desenvolvimento do capitalismo. Digamos de passagem, o prognóstico formulado por Marx grafado nos Grundrisse e no O Capital é irretorquível.

No capítulo XXIII, volume dois, primeiro livro, do “O Capital”, que trata da “A lei geral da acumulação capitalista”, Marx escreve o seguinte:

Todos os meios para desenvolver a produção redundam em meios de dominar e explorar o produtor, mutilam o trabalhador, reduzindo-o a um fragmento de ser humano, degradam-no à categoria de peça de máquina, destroem o conteúdo de seu trabalho transformado em tormento; (...) desfiguram as condições em que trabalha, submetem-no constantemente a um despotismo mesquinho e odioso, transformam todas as horas de sua vida em horas de trabalho e lançam sua mulher e seus filhos sob o rolo compressor do capital... Infere-se daí que, na medida em que se acumula o capital (diferentemente do que pregam os intelectuais orgânicos da burguesia), tem de piorar a situação do trabalhador, suba ou desça a remuneração. (...) A acumulação de miséria, é proporcionada pela acumulação do capital. A acumulação de riqueza num polo é ao mesmo tempo acumulação de miséria, de trabalho atormentante, de escravatura, ignorância, brutalização e degradação moral, no polo oposto, constituído pela classe cujo produto vira capital (MARX, K. *O capital em três livros, l. 1, v. 2*. São Paulo: Difel, 1982. p. 748-749).

Com a diminuição constante do número de capitalistas que usurpam e monopolizam todas as vantagens deste processo de inversão, se acrescenta a massa da miséria, da opressão, da servidão, da degeneração, da exploração.

Hoje, assistimos um fenômeno paradoxal – o exaurido é o único método capaz – que evidencia a validade histórica do marxismo e pode ser colocado da seguinte forma: o marxismo continua sendo o eixo das coordenadas de todo pensamento filosófico ocidental. Por exemplo, Jean-Paul Sartre, filósofo e ex-militante do Partido Comunista Francês, um existencialista proclamado em verso e prosa, que em sua famosa e instigante obra *Crítica da razão dialética*, aponta o marxismo como a filosofia de nosso tempo e o existencialismo como uma pequena inclusão no interior do marxismo.

Ainda que esta segunda fala seja insustentável, Sartre procura demonstrar ser impossível manter certa influência sobre a juventude sem criar, pelo menos, a ilusão de que se é marxista, neomarxista (também insustentável) ou antimarxista. Nesses três estágios da consciência Marx está presente. Por isto, Lenin diz ser o marxismo uma filosofia omnipresente.

A tese defendida por algumas correntes filosóficas de que o homem não se reduz a soma mecânica dos fatores que o condicionam, uma qualidade específica da história humana em relação com a evolução biológica, longe de ser estranho ao marxismo encontra nele seu justo lugar e seu verdadeiro significado.

Nesta forma de pensamento está implícita a necessidade de proceder uma crítica ácida das doutrinas contrárias ao marxismo, mas, desde logo, não se contentando em assimilar seus traços reacionários, mas procurando neles cada grão de verdade, *pari passu* demonstrando que esse grão só pode desenvolver-se de modo pleno no interior do materialismo dialético.

Para possibilitar o desenvolvimento do marxismo, livre de as variantes revisionistas, pragmáticas, agnósticas e/ou positivistas devemos: (1) estreitar laços com a luta de classes; (2) assumir a condição de militantes ativos desta luta; (3) iluminar nossa prática com o estudo rigoroso, disciplinado, sistemático, cada vez mais vivo dos clássicos do marxismo-leninismo; (4) não descartar a obrigação da leitura dos clássicos da filosofia política de Platão a Hobbes.

Neste sentido, o marxismo não tripudia sobre os não marxistas, vez que eles refletem o movimento social e suas contradições de maneira mais deformada, fantástica, ilusória, em função dos ponto de vista de classe mesquinhos, pífios e mistificantes da burguesia.

Encerramos este tópico dizendo, nenhuma só palavra dos intelectuais orgânicos da burguesia, tal como dos intelectuais da esquerda rendida, pode ser considerada como verdadeira quando se trata de filosofia. Por quê? Pela mesma razão segundo a qual não se pode acreditar nas palavras dos economistas e/ou professores de economia, quando se trata da teoria geral de economia política, posto que, tal como a gnosiologia, a economia é, na sociedade contemporânea, uma ciência de partido.

Marx vive?

Sobre Marx, ninguém melhor do que o mais autêntico intérprete de Marx no século XX, Lenin, para replicar, contestar, refutar de forma azeda a tão propalada morte do marxismo:

A doutrina de Marx suscita em todo o mundo civilizado a maior hostilidade e o maior ódio de toda a ciência burguesa (tanto a oficial como a liberal), que vê no marxismo uma espécie de seita perniciosa. E não se pode esperar outra atitude, pois numa sociedade baseada na luta de classes não pode haver ciência social imparcial (LENIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. In *Obras escolhidas em três tomos, t.1*. Moscou: Progresso, 1977. p. 35).

Para uma parte significativa da intelectualidade esquerdista, antimarxista e socialdemocratas, Lenin teria menosprezando a contribuição das ciências sociais e da filosofia de corte idealista à compreensão da realidade social. Tal afirmação, defectiva por princípio, não corresponde à verdade, não se trata apenas de refutar a insólita “fusão” entre marxismo e ciências sociais.

Acontece que, para Lenin, como para os marxistas revolucionários (*desculpem a redundância porque ser marxista é ser, necessariamente, revolucionário ou então não se é marxista*), há um fato inelutável à medida que, de uma forma ou de outra, a ciência oficial e a doutrina ou ideologia neoliberal defende a escravidão assalariada, enquanto apenas o marxismo declarou / declara quotidianamente a guerra implacável à escravidão assalariada.

Por que será que as ciências sociais e a filosofia idealista proclamam-se imparciais, se na sociedade da escravidão assalariada a neutralidade e/ou a imparcialidade é uma ingenuidade tão pueril como esperar que os capitalistas sejam imparciais quando se trata da conveniência de aumentar os salários dos operários diminuindo o lucro do capital?

Os marxistas afirmam ser “inútil falar da ciência e da filosofia burguesas, ensinadas escolasticamente pelos professores oficiais para embrutecer as novas gerações...”. Sua pregação sobre a liberdade política não dá conta que os marxistas lutam pela liberdade e a felicidade não de todos os

homens e mulheres, mas de todos os que trabalham, homens ou mulheres (exceção feita às crianças e aos aposentados ou inválidos). Nossa causa é justa, posto que lutamos para libertar da violência, da opressão, da miséria, da desesperança, milhões de homens e mulheres explorados e extorquidos pelo grande capital.

Na verdade, a liberdade política contraposta aos princípios da liberdade em Marx e Lenin, é a liberdade de não participar dos assuntos nacionais e/ou do Estado, mas apenas a liberdade de eleger a cada quatro anos seus supostos prepostos no Parlamento. Acresce que as liberdades burguesas – de eleição, de reunião, de imprensa, etc., - não vão liberar o povo trabalhador da opressão e da miséria.

Para os intelectuais detratores de Marx, Engels e Lenin, é possível dizer que ainda:

Hoje as crises são cada vez mais raras e cada vez mais fracas e que, portanto, é plenamente possível ao capitalismo eliminar por completo as crises. A teoria da bancarrota, para a qual marcha o capitalismo, é inconsistente por causa da tendência para as contradições se suavizarem, se atenuarem.. (LENIN, t. 1, 1977, p. 42).

Tomando como lastro da crítica a falsificação política e histórica, temos que os trabalhadores não podem confiar em ninguém, apenas em si mesmo; não podem contra ninguém, mais que consigo mesmo. Nada e nem ninguém os livrará da opressão e da miséria, essa libertação será fruto de sua própria ação contra os fundamentos e pressupostos do processo espoliativo gerador de miséria.

A liberdade para os marxistas não livra imediatamente os miseráveis e oprimidos da miséria e da opressão, por em lhes proporciona as armas necessárias para lutar contra aqueles que fomentam a miséria e a opressão. Acima de tudo, encimados nas teses leninistas, entendemos não haver outro meio, histórico, de superação da miséria, senão a união de todos os operários e trabalhadores assalariados. Todavia, a desejada união dos obreiros não pode prescindir da liberdade política pela qual devem, a todo custo, lutar.

Se esse arrazoado corresponde ao real, então a realidade concreta (a história produzida coletivamente por homens e mulheres) diz que o marxismo não é peça empoeirada de um museu qualquer de um país capitalista qualquer, como pretende a propaganda contra Marx, Engels e Lenin por saber que esses homens geniais foram mal compreendidos, desvirtuados, da mesma maneira, que são tão frequentemente citados e tão pouco lidos (FROMM, E. *Prefácio*. In MARX, K. *Manuscritos econômicos - filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989).

A maioria esmagadora dos supostos intelectuais “íntimos” de Marx não ultrapassou a leitura dos seus escritos dos anos 40, notadamente, as *Teses à Feuerbach* e *A ideologia alemã – I*. Daí decorre sua incomensurável compreensão analítica da obra de Marx, ora, em virtude dessa apoucada frequência às obras de Marx, afirmamos que “entre o proclamado e o real a distância é grande” (SAVIANI, Demerval *dixit*).

E o proclamado, torna-se mais distante ainda da realidade quando é apenas um “recorte” da realidade que insiste em não ser recortada na medida em que a teoria do recorte torna-se perigosa por possibilitar o desvio, isto é, por propiciar à perda de contato entre o “recorte” e a realidade recortada. Sob o “recorte” se oculta a tentativa de dizer haver uma incoerência entre a *utopia proclamada* – a sociedade sem classes – e o meio, a tese da revolução predicada por Marx como exacerbação da luta de classes.

Grosso modo, o “recorte” serve à ocultação da inadequação histórica do capitalismo aos interesses e demandas dos operários e trabalhadores; escamoteia a imprescindibilidade da *revolução proletária e socialista* como fator da *debacle* do capitalismo; e nega a necessidade da introdução à edificação doutra sociedade.

Liberdade e consciência das necessidades

Marx, o extemporâneo, o intempestivo, bateleiro¹ do possível ocupado pela classe operária e comunistas, entre o fascínio pelo modelo físico da ciência positiva, a fidelidade a filosofia alemã e o canto sedutor das sereias do capitalismo, recusa os paraísos artificiais da burguesia, desentende-se com a própria sombra e esperneia nas mãos dos próprios espectros (BENSÄID, D. *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999).

Marx desenvolve a filosofia das luzes precisamente enquanto dialético, ou seja, ultrapassando-a. Ele supera, pelo *método dialético marxista*, os estreitos limites do materialismo do século XVIII que o estado das ciências, à época, tornara inevitáveis (POLITZER, G. *A filosofia e os mitos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978).

Temos o marxismo como herdeiro e continuador da filosofia das luzes, isto porque, o materialismo só pode estar ao nível das ciências modernas sendo *dialético*, e não existe outra concepção científica da história que não seja o *materialismo histórico* que estende os princípios do *materialismo dialético* ao estudo rigoroso da vida social, ao estudo do desenvolvimento das sociedades.

Para Marx e Engels a emancipação da humanidade inteira tem por condição a emancipação do proletariado, e é graças à revolução proletária e à construção da sociedade socialista [etapa primeira da sociedade comunista] que a sociedade verdadeiramente humana deixa de ser uma abstração para tornar-se realidade, na forma da sociedade sem classes (ibidem, p. 100).

O marxismo nos mostra que a *liberdade é a consciência da necessidade*. Portanto, esta concepção, efetivamente, nos faz ver que o desaparecimento da velha antinomia entre liberdade e determinismo, mostrando que a liberdade dos homens e mulheres trabalhadores está ligada não à limitação da ciência, hoje porta a serviço da burguesia, mas, ao contrário, ao seu pleno desenvolvimento. Esta concepção coloca a *liberdade real*, que os homens e mulheres constroem no decorrer do longo desenvolvimento histórico, econômico e político, no lugar da *liberdade fantástica*, dada de uma vez por todas. A afirmação da *liberdade real* exige, não a afirmação, mas a negação do milagre.

O marxismo não é uma utopia antecipada, futuro previamente conhecido, apenas uma filosofia da história: a decifrar os fatos descobrindo seu sentido comum, obtendo “um fio condutor que, sem nos dispensar de recomeçar a análise de cada período, permite-nos discernir uma orientação dos acontecimentos” (MERLEAU-PONTY, M. *Humanismo e terror*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968. p. 109).

¹ Batel é a maior das embarcações miúdas que serviam aos navios antigos; bateleiro é o indivíduo que comanda os procedimentos no interior de um batel, esta a maior das embarcações miúdas que serviam aos navios antigos.

É Marx quem explica que a filosofia deve descer para a terra, prolongar a crítica do céu pela crítica social, “a crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política”. Assim fiel à letra da afirmação supra, eu diria que a crítica “já não é *fin em si*, mas apenas um *meio*; a *indignação* é o seu modo essencial de sentimento, e a *denúncia* a sua principal tarefa” (MARX, K. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 78 e 80).

A crítica de marxista tem como:

Imperativo categórico derrubar todas as condições em que o homem [operário] surge como um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível – condições que, no dizer dele, dificilmente se exprimirão melhor que na exclamação de um francês, por altura da proposta de imposto sobre cães: Pobres cães! Já vos querem tratar como homens (MARX, 1989, p. 86).

Marx aponta a ação revolucionária como historicamente necessária para suprimir o modo de produção capitalista e fazer com que os homens passem “do reino da necessidade para o reino da liberdade”. Ao contrário do afirmado pelo senso comum dos intelectuais anti-Marx, o marxismo não é uma cunha teórica qualquer a separar o indivíduo de sua classe social, o homem da história, o cientista do moralista, o homem culto do ignorante, o burguês do operário.

Além de uma teoria, o marxismo é um método de pensamento e ação que resolve e supera as contradições do real, que as demais doutrinas se limitam a refletir. Está estreitamente unido à realidade, em sua evolução, porque nasce dessa realidade e do esforço do homem para conquistá-la; [portanto,] mais do que uma cunha, o marxismo é uma espécie de amalgama ou método – dialético – que resgata a não dissociabilidade entre teoria e prática e restabelece a relação do pensamento com a realidade, ainda que a antiga lógica impedisse a compreensão desta não dissociabilidade e desta relação.

Marx recoloca a filosofia na ação, na luta científica e/ou política e devolve à inteligência sua verdadeira função original de organizadora da conduta. O marxismo restabelece assim a unidade e a dignidade do homem.

Ao contrário do predicado senso comum dos intelectuais burgueses, a razão marxista é uma linha de ação teórica a propiciar a crítica intransigente e consequente, das diferentes tentativas de construção do socialismo como antessala do comunismo no Leste Europeu, Ásia e Caribe.

O marxismo é incontornável, mil vezes mais percuciente que qualquer outra concepção de mundo (e teorias tributárias) quanto a análise do capitalismo, pondo a nu sua dinâmica, suas contradições e as crises cíclicas, recorrentes. Contra a desbriada e desabrida ofensiva antimarxista e anticomunista, propugnarmos a plena validade teórica do marxismo não é ato gratuito e, muito menos, sem consequências. Na verdade, significa reafirmar, em pleno alvorecer do século XXI, “a possibilidade histórica da revolução, do fim da exploração capitalista e da emancipação dos trabalhadores” (BOITO JUNIOR, A. e outros. *Manifesto*. Revista Crítica Marxista, vol. 1, nº 1. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. VII-VIII).

Para Fernandes a atualidade de Marx reafirma-se na luta pelo solapar e eliminar o capitalismo monopolista avassalador da ‘globalização’ de economias, culturas e sociedades que, na verdade, só se

unificam em certos pontos estratégicos de consolidação do capitalismo em seu paradigma final, mais bárbaro e mais brutal que se poderia imaginar. A atualidade de Marx não radica, como se pode pensar, diz o saudoso sociólogo, “nas obras que escreveu, mas no apelo para estudar e reinterpretar o concreto como totalidade histórica e descobrir nele a natureza da revolução” (FERNANDES, F. *Revolução, um fantasma que não foi esconjurado*. Revista Crítica Marxista, vol. 1, n° 2. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 145).

Foi o próprio Marx quem nos fez compreender com acuidade que:

O Estado tem que ser destruído, de modo que o homem possa se tornar verdadeiramente livre, é necessário demonstrar que ele é um momento constitutivo de uma forma de sociedade negadora do homem. O *Capital* é o lugar em que Marx mostra que a sociedade capitalista é a forma na qual a transformação do homem em um não-homem é levada às últimas consequências” (TEIXEIRA, F. J. S. *Economia e filosofia no pensamento político moderno*. Campinas: Pontes / Fortaleza: UECE, 1995. p. 191).

Sua teoria do valor-trabalho, com certeza, ainda hoje “pode cobrar o seu ‘direito de cidadania’ na contemporaneidade, como uma teoria que ainda é capaz de dar conta das determinidades estruturais de uma sociabilidade ainda marcada e dominada pelo poder do capital” (TEIXEIRA, F. J. S. *Pensando com Marx*. São Paulo: Ensaio, 1995. p. 34).

Pensando com Siqueira, eu diria que o marxismo-leninismo enquanto sistema “aberto” de natureza científica – síntese de múltiplas teorias filosóficas, econômicas, políticas, enfim, concepção geral de mundo, de sociedade e de homem – é também uma (1) teoria de natureza crítica e transformadora a exprimir a ideia de emancipação, (2) instrumento de análise da realidade em mudanças e (3) linha de ação com objetivos programáticos bem definidos embora sujeitos à adequação requerida situações históricas concretas (SIQUEIRA, J. *Nas barricadas do fim do século – a (des)ordem neoliberal*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1996).

Se o marxismo é um instrumento de análise concreta da realidade concreta, então, seu sistema de categorias visa não apenas interpretar e compreender o mundo circundante, mas fundamentalmente transformá-lo. A perspectiva de Marx tem sido traduzida pelos comunistas, não como verdade inquestionável, dogma ingênuo, mas como convite à ação política revolucionária ou, simplesmente, *práxis revolucionária*. Mesmo porque, na asserção do filósofo Roland Corbisier, “apesar de tudo o que aconteceu e está acontecendo no mundo, continuamos a crer que o marxismo é a filosofia do nosso tempo” (CORBISIER, R. *Introdução à filosofia, tomo II, parte quarta: empirismo inglês*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 19).

Para os marxistas, somente o esquadrihar as condições teóricas e concretas de cada conjuntura política e, *servatis servandis*, o aproveitamento das experiências ou tentativas concretas de edificação do socialismo pode propiciar o “enriquecimento do acervo prático do marxismo”, sem o que não conseguimos compreender o Estado burguês como um comitê gerenciador dos interesses, objetivos e negócios comuns da burguesia (SADER, E. *Estado e política em Marx*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 148). Por isto, estamos sempre a interrogar o método de Marx em nome do presente, procurando “o que ele prescreve para que o passado, acontecimentos e documentos, reviva e sirva ao futuro” (LEFÉBVRE, H. *A cidade capital*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 175).

O marxismo, sem sombra de dúvida, mormente hoje quando a desesperança não bate mais a porta do operário, mas adentra seu lar e destrói seus sonhos, continua como instrumento incomparável à compreensão do passado e, sem dúvida, o futuro. Neste momento, diante da perda de referenciais, de alianças espúrias e politicamente deletéria, a grande tarefa posta aos marxistas revolucionários é a reconstrução da consciência de classe da classe operária “sem a qual não há esperança de sair do marasmo atual. Para desempenhar bem essa tarefa ainda não há melhor instrumento do que o marxismo; além disso, ninguém propôs outro” (MARTIN, L. *Cem anos depois do manifesto*. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Manifesto comunista de Karl Marx e Friedrich Engels*. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 237).

A análise recente da realidade mundial, agora sob a influência decisiva e anacrônica da ideologia neoliberal, confirma a profundidade científica da abordagem geral e da visão de Marx, sendo possível asseverar a convicção de que a abordagem marxista “ainda é a única que nos habilita a explicar toda a amplitude da história humana e constitui o mais frutífero ponto de partida para a discussão moderna” (HOBSBAWM, E. *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 169).

O marxismo, analítico e prescritivo, tem como propósito interpretar, descrever e transformar o mundo, repetimos, sendo a luta de classes o motor da história, posto que, enquanto razão teórica se transforma em força material logo que ocupa espaço na consciência social.

Se os números estatísticos cantam, seu triste canto demonstra empiricamente a validade do prognóstico da depauperação absoluta da classe operária como resultado direto do desenvolvimento do capitalismo; porque o prognóstico formulado por Karl Marx há 150 e grafado em sua obra “O Capital” é irretorquível. Nele, capítulo XXIII, volume dois, primeiro livro, d’ “O Capital”, que trata d’ “A lei geral da acumulação capitalista”, Marx escreve:

Todos os meios para desenvolver a produção redundam em meios de dominar e explorar o produtor mutilando-o, reduzindo-o a um fragmento de ser humano, degradam-no à categoria de peça de máquina, destroem o conteúdo de seu trabalho transformado em tormento; desfiguram as condições em que trabalha, submetem-no constantemente a um despotismo mesquinho e odioso, transformam todas as horas de sua vida em horas de trabalho e lançam sua mulher e seus filhos sob o rolo compressor do capital (MARX, K. *O capital em três livros, l. 1, v. 2 - o processo de produção do capital*. São Paulo: Difel, 1982. p. 748).

Logo, na medida em que se acumula o capital (diferentemente do que pregam os intelectuais orgânicos da burguesia), piora a situação da classe operária e dos trabalhadores assalariados, suba ou desça sua remuneração. A acumulação de miséria é proporcional à acumulação do capital. Portanto, essa é a lei inquestionável do capitalismo, *sentencia Marx*, “A acumulação de riqueza num polo é ao mesmo tempo acumulação de miséria, de trabalho atormentante, de escravatura, ignorância, brutalização e degradação moral, no polo oposto, constituído pela classe cujo produto vira capital” (ibidem, p. 749).

Com a diminuição constante do número de capitalistas que usurpam e monopolizam todas as vantagens deste processo de inversão, se acrescenta a massa da miséria, da opressão, da servidão, da degeneração, da exploração.

A validade empírica do prognóstico de Marx, mais de cem anos depois de sua publicação, abandonada inclusive por setores da esquerda marxista que se dizem ortodoxos, afirma como inexorável a

depauperação absoluta (e não relativa) do proletariado. Na verdade, o trabalhador industrial vive hoje em condições notavelmente piores que em 1800. E mais, nas circunstâncias atuais de precariedade, delinquência e deliquescência em que vive o grosso dos trabalhadores industriais do mundo inteiro, os que escapam constituem uma parte relativamente pequena desse enorme contingente.

O marxismo, construído num tempo histórico e encimado em movimentos sociais tidos como supostos empíricos, homens e mulheres produzindo coletivamente em sociedade e explorados/espoliados por outros homens e outras mulheres que nada produzem, mais vivo que dantes representa o corte epistemológico e a crítica radical necessária a compreensão e superação e transformação do modo de produção capitalista.

Aqui ponderamos pela abertura de um pequeno parêntese, sobre o que entendemos por crítica radical ou, simplesmente, radical?

O senso comum, grosso modo, confunde radical com extremista, “xiíta”, fundamentalista, dogmático. Todavia, a nosso juízo, radical aquele que apanha as coisas e os fatos sociais pelas raízes; ou aquele que vai à raiz das coisas e dos fatos. Portanto, nada menos dogmático do que aquele que procura a raiz do pensamento e das causas do próprio pensamento pois, como diria Marx, “a raiz do homem é o homem”.

Para a tradição marxista, o não radical não compreende e nem aceita ser “a política a expressão concentrada da economia” e nem que ela (a política) tenha “a primazia sobre a economia”. Por raciocinar doutro modo esquece “o a-bê-cê do marxismo” (LENIN, V. I. *Obras escolhidas em três tomos, t. 3*. Moscou: Progresso, 1977. p.443).

Côncio das deformações predicadas pelos não *radicais* contra o marxismo, entendemos que

Os interesses mais essenciais, decisivos, das classes, só podem ser satisfeitos, em geral, por transformações políticas radicais; em particular, o interesse econômico fundamental do proletariado só pode ser satisfeitos por meio de uma revolução política que substitua a ditadura burguesa pela ditadura do proletariado (LENIN, V. I. *Obras escolhidas em três tomos, t. 1*. Moscou, Progresso, 1977. p.112).

O marxismo não nega, antes pelo contrário, reconhece claramente que programas e ideologias que incitam diretamente as pessoas às formas concretas de ações coletivas ou individuais, desempenham, por vezes, papel preponderante. O marxismo demonstre de modo coerente, histórico e científico como se realiza a união entre a dialética e o materialismo. Indissolúvelmente ligados encontram-nos nos fatos, no desenvolvimento das sociedades humanas e do próprio homem, desenvolvimento cujo caráter simultaneamente material (condições orgânicas, técnicas e econômicas) e dialético (conflitos múltiplos, contradições principais e secundárias) revelando-se a qualquer pesquisa para evitar metodicamente isolar os fatos uns dos outros, bem como da totalidade do processo (LEFÉBVRE, H. *O marxismo*. São Paulo: Difel, 1979).

O critério

O não estudo do marxismo tem privado nossos professores do critério que os permitiria, além de interpretar a realidade (a experiência do “todo social”), articular uma perspectiva de conjunto e inserir noutro rol de princípios e valores as questões que constituem a temática e o ingrediente de suas preocupações e tarefas quotidianas.

Privados da perspectiva de totalidade confundem o relativo com o absoluto, o contingente com o necessário, e situando sua reflexão - relação entre o pensamento e o ser - no plano da imanência e não da transcendência, como viajantes extraviados ignorando o mapa da região, se perdem nos estreitos limites do particular e do contingente.

Esquecem que os problemas pedagógicos não são técnicos, mas políticos, filosóficos. Assim, expulsos da terra que deveria ser sua, uma “terra arrasada”, sobre a qual não conseguem caminhar com segurança, a procura doutros paragens são como náufragos a se debaterem debalde num mar revolto de dúvidas. Por isto, flutuando no vácuo de gigantescas ondas, sem lugar para se apoiar, sem pontos de referência e sem rumo, permanecem perdidos na confusão dos matizes e no caótico da *pólis* moderna.

Aturdidos por uma gama enorme de concepções filosóficas novidadeiras, cuja multiplicação bloqueia a compreensão da realidade, experimentam o momento histórico brasileiro como um círculo vicioso em que proliferam idéias inúteis que atravancam e tornam intransitáveis os caminhos, convertendo o espaço possível dos seus movimentos numa espessa e impenetrável *selva selvaggia* (CORBISIER, R. *Responsabilidade das elites*. São Paulo: Martins Editora, 1956. p. 225-226).

E mais, esquecem que tanto o desenvolvimento econômico quanto político da cidade do capital e toda a experiência do movimento comunista revolucionário e da luta da classe oprimida contra a classe dominante têm confirmado cada dia mais a justeza das idéias marxistas.

O concreto

É fato, a história do marxismo desde o XX Congresso do extinto PCUS², isto é, nos últimos 78 anos, é a história da sua luta contra o socialismo pequeno burguês, remoçado com o oportunismo da moda o *neoliberalismo* e a crítica da teoria e teses de Marx, constitui a bagagem ideológica dos intelectuais socialdemocratas chamados a dar combate aos intelectuais revolucionários que continuam defendendo o milenar sonho da humanidade em destruir de uma vez toda exploração, posto que, fora da luta de classes o socialismo é uma frase vazia ou um sonho ingênuo.

Para além do método do recorte, à análise multifacetada da educação enquanto fenômeno social e histórico sobre o qual pesquisador se debruça é fundamental e indispensável começar pelo real, pelo concreto por ser a síntese de múltiplas determinações e unidade da multiplicidade. O concreto como verdadeiro ponto de partida também da percepção e das representações (MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1983).

² Partido Comunista da União da República Socialista Soviética.

Pensar a escola capitalista como vetor hegemonicamente voltado à afirmação da teoria e da prática crítica e revolucionária é pensar de forma infantil a política maior de um país, vez que:

Toda a classe nova que toma o lugar daquela que antes dela dominava, é obrigada, para realizar os seus fins, a apresentar os seus interesses, como sendo o interesse coletivo (sic!) de todos os membros da sociedade, ou seja, é obrigada a exprimi-lo idealmente, a dar aos seus pensamentos a forma de universalidade, a apresentá-los como os únicos racionais e universalmente válidos (MARX, K. *Textos filosóficos*. São Paulo: Mandacaru, 1990. p. 93).

Logo, a burguesia, enquanto classe dominante:

Determina uma época histórica em toda a sua extensão, [e] é evidente que a determina em todos os seus aspectos, e que, portanto, domina, entre outras coisas, enquanto conjunto de seres pensantes, enquanto produtores de pensamentos, que fixam a produção e a distribuição do pensamento do seu tempo, e, por conseguinte, os seus pensamentos são os pensamentos dominantes da época (idem, *ibidem*).

Parece escapar aos educadores, mesmo os que se dizem de esquerda, um pequeno detalhe apontado por Marx:

Quanto menos cada um comer, beber, comprar livros, for ao teatro ou ao baile, ao bar³, quanto menos cada um pensar, amar, teorizar, cantar, pintar, poetar, etc., tanto mais poupará, tanto maior será seu tesouro, que nem a traça e a ferrugem roerão, o seu capital. Quanto menos cada um for, quanto menos cada um expressar a sua vida, tanto mais terá, tanto maior será a sua vida alienada e maior será a poupança da sua vida alienada (MARX, 1989, p. 201).

Mas, e a escola?

Bom, por não levarmos em conta a significação social do ato de educar mascaramos os objetivos sociais reais da educação, e notadamente sua importância na divisão social do trabalho; dissimulamos as desigualdades sociais e as lutas por elas engendradas; colocamos as questões sociais como questões específicas ou inerentes a essa área do conhecimento humano, e isolando da realidade econômica, social e cultural acabamos camuflando o papel da educação na manutenção das desigualdades sociais e no jogo da direita (CHARLOT, B. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986).

Neste sentido, para romper os estreitos limites da educação burguesa, devemos trabalhar como conteúdo da educação: (a) o papel histórico da classe operária como criador da sociedade socialista; (b) a classe operária como fator principal à abolição da miséria, da exploração e da extorsão do homem pelo

³ O bar é o único lugar possível onde todos os iguais, os oprimidos e os excluídos; os desqualificados ou os *ninguéns* se reúnem contando mentiras para poder suportar a perversidade das reformas capitalistas praticados por um Presidente demagógicamente “cego”, um Parlamento irresponsavelmente mudo e uma “esquerda” que deletéria apenas lamenta.

homem e das humilhações postas e impostas pela classe dominante; (c) o processo de libertação da classe operária como fator da libertação de toda a sociedade; (d) enfim, a (necessidade da derrubada da sociedade capitalista, das suas instituições estatais e das organizações não governamentais financiadas pela burguesia financeira para arrefecer a luta de classes.

Contudo, a ausência de radicalidade - compreendida como rigor acadêmico -, faz com que os críticos “rigorosos” de Marx, Engels e Lenin não percebam as contradições sociais imanentes e em andamento na sociedade brasileira.

Enquanto educadores nossa tarefa deve ser essencialmente crítica radical. Portanto, não podemos assumir compromisso que nos cale a voz quando devemos falar e cantar, gritar; não podemos depor as armas antes de usá-las. Mesmo porque, de forma equivocada é considerado como radical o intelectual que contrapõe o marxismo às concepções idealistas de mundo.

A radicalidade analítica nos faz compreender como necessária e exequível a socialização dos meios e instrumentos de produção, como da própria produção, distribuição e consumo; e a erradicação da propriedade privada como ponto de partida à socialização plena da própria educação.

Sobre a radicalidade, reforçando o que dissemos anteriormente, para nós, o radical não pode ser confundido com fundamentalista e nem com dogmático e sectário. Mas, simplesmente, significa ir à raiz dos fatos. A nosso juízo, o não dogmático é aquele ou aquela que procura a raiz do pensamento na realidade concreta.

Diante do abandono da radicalidade na análise da sociedade e da educação, notadamente sobre a temática abordada logo acima, chamamos a atenção do leitor para o que se segue.

Só é possível compreender uma teoria quando a mesma é analisada de forma radical - só é possível defender uma teoria de forma radical e só é possível criticar uma teoria de forma radical. Caso contrário, o pensamento permanece na superfície e nas aparências. Não sendo, portanto, um pensamento que mereça o adjetivo de teórico (DUARTE, N. *Vigotski e o aprender a aprender – críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. São Paulo: Autores Associados, 2000. p. 175).

Salvo outro juízo, educar é formar a consciência crítica da totalidade ou consciência de classe que vai além da aparência, derruba máscaras e ilusões pagando o preço da crítica, da luta, da transgressão, da desobediência rumo à revolução. Não podemos permanecer na ilusão onde a intervenção da educação é afirmada como sendo suficiente para reparar erros, mazelas e desvãos da sociedade capitalista. É preciso reconhecer os limites históricos e políticos da educação.

Quase ao final reafirmamos que para Marx, Engels e Lenin e tantos outros que morreram pela causa do proletariado e do comunismo, apenas a *revolução* pode ser considerada como sujeito histórico da derrubada da classe dominante e anulação total da sociedade de classes.

A revolução é histórica e socialmente imprescindível porque a classe que provoca a queda da burguesia só numa revolução pode alcançar os objetivos de se desfazer de toda a velha porcaria, assumir uma nova função social e principiar a edificação da sociedade comunista (MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã I – Feuerbach*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979).

Enfim, a organização e a prática revolucionária devem ser enfocadas na educação como conteúdo e necessidade histórica e principal tarefa da classe operária e dos seus intelectuais, à medida que apenas na prática revolucionária é possível educar os homens e as mulheres do amanhã.

Relembrando. O marxismo é antes de tudo um método de pensamento, uma teoria do conhecimento, uma filosofia e uma linha de ação que se propõe resolver e superar as contradições do real, que todas as outras doutrinas e teorias do conhecimento se limitam a refletir.

Mais ainda. O marxismo está estreitamente unido à realidade, em sua gênese e evolução, porque nasce da realidade e do esforço dos homens para conquistá-la; portanto, restabelece a relação da teoria com a prática, ainda que a antiga lógica tente impedir a compreensão dessa relação incontornável. Ele revela a face partidária da filosofia na luta política, devolve à inteligência sua verdadeira função original de organizadora da conduta humana para erradicar os estreitos limites da sociedade burguesa entre os quais os trabalhadores e trabalhadoras se encontram desumanizados.

Adeus às ilusões!

Para além da mera especulação das teorias novidadeiras é de fundamental importância compreender que se a educação oficial está direcionada à reprodução ou à construção de outra sociedade o que seria ou como seria outra educação?

A educação nesta sociedade teria uma dupla função: (1) processo de adaptação e adequação às relações sociais realmente existentes, assegurando aos filhos e filhas da classe dominante manter os privilégios de sua classe - e “adaptação” dos filhos e filhas do proletariado que a ela têm acesso às condições de exploração da sua existência; ou (2) instrumento na luta contra a opressão a serviço das jovens gerações de proletários e trabalhadores assalariados. Não há terceiro caminho, via ou possibilidade.

Corolário: no primeiro caso a educação esta posta como manifestação e arma ideológica da dominação burguesa; no segundo, concebendo a realidade de modo concreto é expressão, elemento e arma da relação que derruba e transforma a ordem capitalista em socialista pelo trabalho coletivo do proletariado e aliados; no terceiro caso é puro devaneio, quimera banal!

Todavia, as ideias hegemônicas na educação brasileira, até demonstração em contrário, são as ideias clássicas do capitalismo em andamento na sociedade. Permanece a clássica tese na qual “a classe que tem a sua disposição os meios de produção material, dispõe também, por esse motivo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual” (MARX e ENGELS, 1979, p. 72).

Portanto, a burguesia é obrigada, para realizar os seus objetivos fins, a apresentar seus interesses, como sendo interesses coletivos ou de todos os membros da sociedade, apresentando-os como os únicos racionais e universalmente válidos.

O conjunto desses pensamentos, grosso modo, tem por propósito (i) advertir os homens e mulheres trabalhadoras que não devem ultrapassar o horizonte burguês; e (ii) perpetuar a ilusão histórica na qual o homem burguês tem para os operários uma importância tamanha que eles não conseguem conceber nenhuma situação social na qual o homem deixe de ser burguês. Ironizando, eles são como certos intelectuais que fazem, apologia do socialismo e/ou do comunismo, mas não saberiam viver sem o capitalismo.

O que realmente se aprende na escola?

Alguns *savoir-faire*: técnicos (ler, escrever, contar, situar-se numa cronologia, reconhecer objetos - nem todos -, manifestar-se sobre este ou aquele fato, etc.) e rudimentos e/ou elementos por vezes mais aprofundados de um saberete insuficiente ou superficial. Grosso modo, se aprende a consumir resultados científicos postos por uma ciência morta à medida que não tem pretensão nenhuma em tornar públicos os problemas que devem ser resolvidos para que a classe trabalhadora saia das trevas em que foi metida.

A escola ensina o respeito pelas regras estabelecidas pela dominação de classe, regras que compõem a maior parcela do conteúdo dos mais diversos currículos escolares. Como diz Romano, se a linguagem é reveladora e os currículos são montados a partir de grades, então esse fato não ocorre por acaso (ROMANO, R. *As grandes entrevistas*. Revista Caros Amigos 2, ano IV, fevereiro, 2001. p. 33).

Quem fez e quem faz os currículos e estribado em que? Obviamente em disciplinas, para disciplinar! Ora, a escola burguesa ensina preferencialmente “o saber dar ordens, ou seja, saber falar aos operários para intimidá-los ou iludir, em suma, para enrolá-los” (ALTHUSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 257).

Com efeito, a educação oficial está limitada aos interesses da burguesia e não consegue ultrapassar, na consideração dos problemas sociais gerais e específicos, o plano da superfície e o limite das aparências. E seus professores? Bem, com raras exceções, tornados guardiães ideológicos do capitalismo, não conseguem escapar à impregnação da ideologia dominante com a qual cumprem a contento suas tarefas, seja como quadros auxiliando na exploração e na extorsão, seja como sumos sacerdotes ou funcionários da ideologia dominante, fazendo ilações e falsas exegeses sobre questões adjetivas, subjetivas e secundárias, como se elas fossem de relevância capital. Na verdade, tomam o acidental pelo essencial, desconhecem a ordem e desrespeitam a hierarquia que deviam estabelecer entre os problemas (CORBISIER, 1956).

Privados da perspectiva de totalidade confundem o relativo com o absoluto, o contingente com o necessário, e situando sua reflexão - relação entre o pensamento e o ser - no plano da imanência e não da transcendência, como viajantes extraviados ignorando o mapa da região, se perdem nos estreitos limites do particular e do contingente.

É possível disputar a hegemonia marxista na escola burguesa?

Se partirmos da compreensão que educar não é aceitar a tradição, nem optar pelo conformismo e muito menos assumir a fidelidade aos valores dominantes nesta sociedade, mas, *segundo Gadotti*, “fazer frente à ordem estabelecida e correr o risco da aventura” (GADOTTI, M. *Educação e poder / introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez / Campinas: Autores Associados, 1984. p. 18).

Se tomarmos por base esta preliminar, submetemos nossas considerações ao crivo da reflexão dos leitores afirmando que educar significa formar a consciência crítica da totalidade ou consciência de classe que vai além da aparência, derrubar máscaras e ilusões pagando o preço da crítica, da luta, da transgressão, da desobediência rumo à revolução.

Neste particular não podemos permanecer na ilusão segundo a qual a intervenção da educação é o suficiente para reparar os erros, mazelas e desvãos do capitalismo. É preciso reconhecer os limites históricos e políticos da educação.

Enquanto educadores nossa tarefa deve ser essencialmente crítica e revolucionária. Não podemos assumir compromisso que nos calem a voz quando devemos falar, cantar, gritar. Não podemos depor as armas antes mesmo de usá-las.

É justo dizermos ser possível disputar a hegemonia socialista no sistema escolar? Sim! Mas “o destino da educação depende, em última instância, da transformação social, do derrube do sistema capitalista” (SUCHODOLSKI, B. *Teoria marxista da educação*. Lisboa: Estampa, 1976. p. 9).

Historicamente, este derrube tem sido função da prática social entendida como o real fundamento da ação educativa revolucionária. Assim, é possível disputar a hegemonia no interior do sistema escolar, postulando a perspectiva socialista e/ou comunista. Contudo, tal postura implica radicalidade e intransigência pedagógica na negação do modo capitalista de produção da existência e afirmação da possibilidade do devir ou da sociedade do livre desenvolvimento coletivo e individual, a sociedade comunista.

Disputar a hegemonia no sistema escolar significa (1) ter bem claro que a perspectiva hegemônica, coadjuva velhas concepções de mundo e velhos paradigmas, (2) revelar o compromisso dos professores institucionais com práticas pedagógicas de submissão aos interesses da burguesia; e (3) construir de forma coletiva a consciência das crianças e dos adolescentes para criticar, afrontar, alterar, repletar e romper com a institucionalidade burguesa, gerando espaços de verdadeira liberdade como construção histórica e coletiva.

Enquanto a nossa “perfeita” organização social e política continuar proibindo ao grande número de trabalhadores o acesso à cultura intelectual é necessário que aprendam a pensar, a querer e a atuar no sentido da sua própria organização objetivando erradicar os males que impedem a sua humanização plena, pelas raízes.

Pensar a escola capitalista como vetor hegemonicamente voltado à afirmação da teoria e da prática revolucionárias é pensar de forma infantil a política maior deste país, é cair no ridículo doutrinário a prescindir da análise concreta da realidade concreta.

As posições que devemos defender na escola

Ao contrário dos acólitos do livre mercado historicamente, conformistas e conformados, coadjuvantes da política liberal levada a termo pelo governo da República que, intencionalmente, destrói o sistema de educação pública brasileiro, o professor marxista antes de tudo tem na economia política a ciência da riqueza e da renúncia, do gasto conspícuo e da privação absurda. Ciência cujo ideal continua sendo o escravo asceta, dedicado a privações, mas produtivo. O ideal moral do modo de produção capitalista ou, simplesmente, a economia política é o trabalhador que ao final do mês deixa ou leva parte do seu salário à caixa econômica. Para os economistas burgueses “o trabalhador deve apenas ter o que lhe é necessário para querer viver e deve querer viver unicamente para isso ter” (MARX, 1989, p. 210~211).

Reafirmando a unidade teórica, não transformamos questões sociais em questões específicas inerentes à educação; não fragmentamos a realidade em características imateriais, indivisíveis e incomunicáveis – economia, política, cultura etc. – e nem camuflamos o papel da educação na manutenção das desigualdades sociais.

De igual modo lutar para reconstruir a educação é lutar para destituir a burguesia da sua posição de mando, restringindo ao limite suas prerrogativas e suas liberdades. Por isto, insistimos, é a revolução e não a crítica o fundamento da transformação social e da reforma pedagógica e negação do messianismo apologético sobre uma possível educação socialista hegemonizando-se nesta sociedade.

Para nós a apologética messiânica da educação, primeiro, representa a mistificação sobre a construção do novo homem a partir da escola burguesa; e, segundo, ignora que mesmo que fosse possível desenvolver uma escola socialista na cidade do capital, ela não afetaria os fundamentos, a estrutura da sociedade capitalista que diz questionar, só criaria mais ilusões.

Romper os estreitos limites da educação burguesa significa trabalhar seis teses como conteúdo da educação:

Tese 1. A necessidade da derrubada da sociedade capitalista em sua etapa imperialista, isto é, demolir de cima à baixo todas as instituições estatais e instituições não governamentais financiadas pela burguesia financeira para arrefecer a luta de classes. Tese 2. A classe operária é o principal sujeito da abolição da miséria, da exploração e extorsão do homem pelo homem e das humilhações postas e impostas pela classe dominante. Tese 3. O processo de libertação da classe operária e o fulcro histórico da libertação de toda a sociedade. Tese 4. O papel histórico da classe operária como criador da sociedade socialista e discordância da afirmação na qual a classe trabalhadora é apontada como sendo ontologicamente conservadora. Tese 5. A revolução como o único processo destinado à derrubada da classe dominante e da sociedade de classes. Tese 6. O marxismo como fundamento e teoria crítica e revolucionária da moderna revolução.

A teoria da ação revolucionária na escola

A prática revolucionária deve ser enfocada na educação como conteúdo e necessidade histórica e/ou principal tarefa da classe operária, pois apenas na prática revolucionária se educam os homens e as mulheres livres de amanhã.

Destarte, a mediação entre o homem “animalizado” ou a “animalizar-se” e a sua real humanização - que a meu juízo, corresponde à cidadania plena, ao contrário da “cidadania” parcelarizada observada nas sociedades capitalistas - é feita, não pelo “trabalho”, mas pela revolução, pela expropriação dos expropriadores, pela ditadura do proletariado, bases à edificação da sociedade comunista.

A revolução representa “a derrocada do estado de sociedade existente; a superação da propriedade privada; então a libertação de cada indivíduo singular é alcançada na mesma medida em que a história transforma-se completamente em história mundial” (MARX e ENGELS, 1979, p. 54).

No entanto, essa subversão não pode prescindir dos seguintes elementos materiais historicamente construídos ou em construção:

De um lado, as forças produtivas existentes e, de outro, a formação de uma massa revolucionária que se revolte, não só contra as condições particulares da sociedade existente até então, mas também contra a própria “produção da vida” vigente, contra a “atividade total” sobre a qual se baseia (MARX e ENGELS, 1979, p. 57).

Pouco importa a pregação e a proclamação da ideia da *revolução* como parteira da história se os elementos materiais não existem. A rigor, determinadas condições de existência, como as observadas no Brasil dos anos 10 do século XXI (fome disfarçada, miséria ocultada, brutalidade às claras máxima e explícita, gatunagem e/ou corrupção em ritmo de catástrofe etc.), não podem ser consideradas como anormalidades perenes, imutáveis, eternas. Uma espécie de defeito genético generalizado das sociedades humanas, como pregam ainda hoje os positivistas, irremediavelmente sectários.

Felizmente, a ortodoxia coloca o problema de modo literalmente diferente afirmando que a transformação social só pode acontecer no devido tempo, através de uma revolução que varra o lixo burguês para fora do trem da história. E mais ainda, a ortodoxia, ainda hoje, advoga o revolucionar o mundo existente, atacar e transformar, na prática, todo o estado de coisas existente e que atende as demandas do capital.

Para ortodoxia, as coisas já foram tão longe demais, os trabalhadores devem se apropriar da totalidade existente das forças produtivas, não apenas alcançar a liberdade econômica e a emancipação intelectual, mas seguramente para assegurar sua existência. Na apropriação leva a bom termo pelos trabalhadores, a parte do que foi expropriado/apropriado deve ser subsumida a cada indivíduo, e a propriedade de todos.

Todavia, tal apropriação “só pode ser realizada por intermédio da revolução “que, de um lado, derrube o poder do modo de produção e de intercâmbio anterior e da estrutura social, e que desenvolva, de outro lado, o caráter universal e a energia do proletariado necessária para a realização da apropriação” (MARX, 1989, p. 106).

Não podemos esquecer a necessidade da criação de uma consciência comunista, oriunda e produto da transformação em larga escala dos homens e mulheres trabalhadores. Entretanto, transformação só pode ser operada ou colocada em prática por uma revolução, necessária não por ser o único meio de apelar a burguesia do poder tomado à monarquia em 1789, mas porque apenas ela, a revolução, permitirá a classe que derruba a outra varrer a podridão capitalista e assumir a condição de fundadora da sociedade sobre bases novas.

Refletindo sobre a afirmação de que apenas a revolução possibilita o varrer a podridão do velho sistema, consideramos sua necessidade como instrumento único ao desmonte das quadrilhas que controlam a economia e a política deste país. Discursos em contrário são prédicas, extemporâneas e reacionárias à espera que “a terra faça-se céu e o céu se faça terra, então, brilharão, em meio a celestes harmonias, a alegria e a felicidade por toda a eternidade” (ibidem, p. 109).

É a revolução e não a teoria a porta de acesso à construção de uma sociedade sobre novas bases, a sociedade comunista. Essa sociedade distingue-se de todas as outras por ser “precisamente a base real para tornar impossível tudo o que existe independentemente dos indivíduos, na medida em que o existente nada mais é do que o produto do intercâmbio anterior dos próprios indivíduos” (ibidem, p. 110).

É a revolução e não o trabalho o fator de mediação entre o indivíduo e o coletivo. A condição de existência do trabalhador sob o trabalho é sacrificada desde a juventude conduzindo-o a patamares de desumanização crescente. É a revolução e não o trabalho o instrumental capaz de fazer a classe trabalhadora acessar por livre escolha o largo espectro do acervo cultural produzido e acumulado historicamente. Acervo sem o qual a humanização e a construção da cidadania plena da espécie *Homo* serão apenas categorias discursivas, vazias, engodo retórico, peroração revisionista e oportunista inescrupulosa.

Temos claro que a revolução é imprescindível à derrota do capitalismo e necessária e indispensável à inauguração de uma nova forma de escola, a escola politécnica onde será possível combinar a educação para o trabalho, com a educação intelectual e a educação física.

A propósito, não podemos esquecer uma questão ainda hoje bastante palpável que é o peso da tradição burguesa e, em particular, da ideologia ou seus aspectos que serão mantidos por um longo tempo no seio da nova estrutura social em construção.

Sob nosso olhar é uma necessidade histórica a tomada do poder de Estado pela classe trabalhadora como instrumento indispensável à garantia da etapa de transição do capitalismo para o comunismo. Destarte revolucionar o Aparelho Ideológico de Estado escolar (como os demais) é compreendê-lo como peça estratégica da dominação da classe trabalhadora era o mote posto nos séculos XIX e XX, é o mote posto no século XXI.

À maneira de conclusão

A formação de consciências críticas necessárias pressupõe (1) a superação das concepções religiosas e autoritárias sob o domínio da burguesia, (2) a crítica ácida aos fundamentos da imaterialidade

sob os quais o homem trabalhador se nega a si próprio e à sua independência por medo à liberdade, (3) e a crítica do modo capitalista de produção da existência que, ao logo dos anos, força a classe trabalhadora (I) a renunciar a utopia por uma vida digna e (II) a subordinar-se ao poder do capital. Estes aspectos são incontornáveis na trajetória de luta pela construção de uma nova ordem social, política e econômica, e para alcançarmos a emancipação real de todos os homens e mulheres que produzem seus meios de subsistência com o suor do próprio rosto.

Sob este prisma de análise, a disputa pela hegemonia e o controle do Aparelho Ideológico de Estado Escolar ou, simplesmente, a escola, deve ser colocada como questão relevante àqueles que ainda acreditam na utopia comunista. A educação é parte indissociável do processo de transformação social que precisa ser posto em marcha sob a liderança da classe trabalhadora e de seus aliados.

A dialética materialista e histórica enquanto concepção do processo histórico nos seus movimentos contraditórios coloca-nos o problema da libertação da consciência da classe trabalhadora dos elementos místicos, míticos e alegóricos socialdemocratas, verdadeiro obstáculo a demolição da ordem política e econômica que oprime, explora e extorpe os trabalhadores em geral.

Cabe-nos dizer, que o intelectual para ser útil aos trabalhadores deve saber distinguir os casos concretos de compromissos que, à luz da razão materialista dialética e histórica, são a inadmissível expressão do oportunismo, fisiologismo e alpinismo social. À esses compromissos a força da crítica do desmascaramento implacável dos intelectuais que inventam para os trabalhadores receitas e soluções inadequadas às demandas individuais e coletivas.

Soluções não encontradas na revolução, mas na conspirata dos intelectuais da ordem burguesa. Explicando. A teoria da conspiração, revisionista e reformista, levada a cabo por determinado grupo, advoga que a classe trabalhadora se emancipará intelectualmente e se libertará da escravidão assalariada não por intermédio da luta de classe contra classe, mas por intermédio de um complot edificado pela minoria intelectualizada e iluminada de *jacobinos sem guilhotina* cujo resultado trará em longo prazo a tão sonhada liberdade (LENIN, V. I. *Contra o dogmatismo e o sectarismo no movimento operário*. Moscou: Progresso, s.d.).

Quase finalizando esta arenga ou alteração, admitimos que o rubicão que atravança a caminhada do marxismo nos obriga, em primeiro lugar, redobrar a atenção para com as obras teóricas de Marx, Engels e Lenin, à medida que escoimado de sua *anima* revolucionária o marxismo-leninismo mais cedo ou mais tarde será inevitavelmente afirmado como exaurido; em segundo lugar, adotar de modo resolutivo posição rigorosamente determinada na luta da classe trabalhadora contra a dominação do capital; e, em terceiro lugar, reafirmar a necessidade de efetuarmos a separação, firme e decidida, do elemento pequeno burguês vacilante e inseguro.

Como nos ensinou Lenin, o marxismo é inimigo absoluto de toda fórmula abstrata, de toda receita doutrinária, portanto, a exigir de nós máxima atenção à luta da classe trabalhadora à medida que o movimento se expande e cresce a consciência dessa luta sobre as crises do capitalismo cada vez mais agudas e mais frequentes, e diante das quais novas táticas, novos meios ou novos procedimentos diversificados de defesa e ataque precisam ser engendrados.

Como aponta um velho e conhecido jargão da esquerda de antanho, a educação política significa aprender a lutar sempre, desistir jamais, vencer talvez!

É o que nos resta diante da ação do fascismo e do analfabetismo político que se apossaram das escolas, das ruas, dos bares e que invadiram os lares por intermédio da mídia, travestidos com notícias bombásticas, intimidações terroristas novidadeiras, insones e solertes, sempre embalados pelos cânticos do poder surfando nas ondas liberais com uma tosca prancha fabricada pela miséria anunciada de uma época miserável.

Convém insistir que aprendemos com a prática das massas laboriosas, notadamente porque estamos muito longe de pretendermos *ensinar* às essas mesmas massas quais são as formas de luta inventadas por um “revolucionário” de gabinete que devem empregar para derrotar a classe dominante e estabelecerem na terra o paraíso como resultado do assalto aos céus.

Saudações aos que ainda teimam e lutam contra o fascismo redivivo e contra o analfabetismo político em todos os pontos do tecido social brasileiro e continuam acreditando na possibilidade histórica de construção da sociedade justa, igualitária, a sociedade comunista.

Ousar lutar, ousar vencer!

Bibliografia

- ALTHUSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BENSÄID, D. *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BOITO JUNIOR, A. e outros. *Manifesto*. Revista Crítica Marxista, vol. 1, nº 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHARLOT, B. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- CORBISIER, R. *Introdução à filosofia, tomo ii, parte quarta: empirismo inglês*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- CORBISIER, R. *Responsabilidade das elites*. São Paulo: Martins Editora, 1956.
- DUARTE, N. *Vigotski e o aprender a aprender – críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana*. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- FERNANDES, F. *Revolução, um fantasma que não foi esconjurado*. Revista Crítica Marxista, vol. 1, nº 2. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FEUERBACH, L. Prefácio da segunda edição de *A essência do cristianismo*. Campinas, Editora Papirus, 1987, p. 33-34.
- FOUGEYROLLAS, P. *Ciências sociais e marxismo*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1979.
- FROMM, E. *Prefácio*. In MARX, K. *Manuscritos econômicos - filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- GADOTTI, M. *Educação e poder / introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez / Campinas: Autores Associados, 1984.
- GARAUDY, R. (Org.) *Lições de filosofia marxista*. México: Grijalbo, 1966.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica*. São Paulo: Loyola, 1995.
- HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Hemus, 1976.
- HOBBSAWM, E. *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

- LEFÉBVRE, H. *A cidade capital*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LEFÉBVRE, H. *O marxismo*. São Paulo: Difel, 1979.
- LENIN, V. I. *A aliança da classe operária e do campesinato*. Moscou: Progresso, 1981.
- LENIN, V. I. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. Obras escolhidas em três tomos, t. 1*. Moscou: Progresso, 1977.
- LENIN, V. I. *Cadernos filosóficos. Obras completas em cinquenta e cinco tomos, t. 29*. Moscou: Progresso, 1983.
- LENIN, V. I. *Contra o dogmatismo e o sectarismo no movimento operário*. Moscou: Progresso, s.d..
- LENIN, V. I. *Imperialismo, etapa superior do capitalismo. Obras Completas em cinquenta e cinco tomo, t. 33*. Moscou: Progresso, 1986.
- LENIN, V. I. *Karl Marx*. Obras Escolhidas – 1. Lisboa: Avante! / Moscou: Progresso, 1977.
- LENIN, V. I. *Marxismo e revisionismo*. In Obras Escolhidas em três tomos, t. 1. Lisboa: Edições Avante! / Moscou: Progresso, 1977.
- LENIN, V. I. *Materialismo e empiriocriticismo. Obras completas em cinquenta e cinco tomos, t. 18*. Moscou, Progresso, 1983.
- LENIN, V. I. *Obras escolhidas em três tomos, t. 1*. Moscou, Progresso, 1977.
- LENIN, V. I. *Obras escolhidas em três tomos, t. 3*. Moscou: Progresso, 1977.
- LENIN, V. I. *Quem são os “amigos” do povo e como lutam contra os socialdemocratas*. Moscou: Progresso, 1981.
- LÖWY, M. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARTIN, L. *Cem anos depois do manifesto*. In COGGIOLA, Osvaldo (Org.) *Manifesto comunista de Karl Marx e Friedrich Engels*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã I – Feuerbach*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MARX, K. *O Capital em três livros, l. 1, v. 2*. São Paulo: Difel, 1982.
- MARX, K. *O capital em três livros, l. 1, v. 2 - o processo de produção do capital*. São Paulo: Difel, 1982.
- MARX, K. *Textos filosóficos*. São Paulo: Mandacaru, 1990.
- MARX, K. *Textos filosóficos*. São Paulo: Mandacaru, 1990.
- MARX, K. y ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. In Obras Escolhidas em três tomos, t. 1. Moscou: Progresso, 1981.
- MERLEAU-PONTY, M. *Humanismo e terror*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- POLITZER, G. *A filosofia e os mitos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- ROMANO, R. *As grandes entrevistas*. Revista Caros Amigos 2, ano IV, fevereiro, 2001.
- SADER, E. *Estado e política em Marx*. São Paulo: Cortez, 1998.
- SIQUEIRA, J. *Nas barricadas do fim do século – a (des)ordem neoliberal*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1996.
- SUCHODOLSKI, B. *Teoria marxista da educação*. Lisboa: Estampa, 1976.
- TEIXEIRA, F. J. S. *Economia e filosofia no pensamento político moderno*. Campinas: Pontes / Fortaleza: UECE, 1995.
- TEIXEIRA, F. J. S. *Pensando com Marx*. São Paulo: Ensaio, 1995.

Notas:

¹ Paraquedista Militar (n° 15150) pela Brigada de Infantaria Paraquedista (1966). Membro da Associação dos Veteranos da Brigada de Infantaria Paraquedista (n° 3058). Professor de Judô (5° Dan) pela Federação de Judô do Estado do Rio de Janeiro (2001). Licenciado em Educação Física pela Universidade de Fortaleza (1978). Especialista em Ciência do Treinamento Desportivo pela Universidade Gama Filho (1979). Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1988). Doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Pós-doutorado em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2011). Professor Associado III da Universidade Federal do Espírito Santo. Áreas de interesses: Filosofia e História da Educação e do Judô, Marxismo, Leninismo, Sindicalismo.

Recebido em: 02/08/2017

Aceito em: 02/08/2017.